

PREÂMBULO

Milton Campos – Université de Montréal

Editor de TrajEthos

Este número especial da revista *TrajEthos* tem por objetivo divulgar trabalhos em língua portuguesa de pesquisadores interessados em questões gerais relacionadas com as mediações discursivas. Foram escolhidos artigos em que os autores refletem, a partir de diferentes perspectivas, sobre as mediações macro, constituídas pelas estruturas de poder administrativo-político e econômico e suas reproduções micro pela via dos meios técnicos de comunicação. Relativamente a esses últimos, as reflexões tratam de várias mídias como o cinema, o jornalismo e as relações públicas, assim como diversas maneiras discursivas de se estudá-los como, por exemplo, os estudos sobre a argumentação.

Na seção “Perspectivas”, percorremos com o leitor uma senda na qual as reflexões sobre as mediações convergem para a dimensão política e ética. O professor Antonio Hohlfeldt da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, respeitado teórico da comunicação, problematiza essa dimensão discutindo a pertinência dos conceitos de informação e de comunicação para pensarmos a luta pela democracia e pela justiça. Antonio Hohlfeldt analisa a alegoria platônica da caverna com o objetivo de interpretar uma produção cinematográfica emblemática da contemporaneidade: o filme “Matrix” onde o real e o virtual se inter-tecem e suas fronteiras se confundem. Para o pesquisador, esse filme anunciava, já no final do século XX, intenções comunicativas cujos fundamentos poderiam ser encontrados no ideal republicano de Platão. Ele revela, com propriedade, fundamentado na problemática ética e política, o procedimento comunicativo e informacional através do qual os processos discursivos midiáticos podem se tornar ferramentas para a libertação do ser humano.

No entanto, nota a professora Olgária Matos, essa possibilidade vem sendo colocada em cheque por uma modernidade que se metamorfoseou em contemporaneidade. Fazendo uma crítica do lugar que a modernidade ocupou relativamente às múltiplas formas de mediações, a pesquisadora provoca o leitor com uma reflexão a respeito de como a percepção atual do tempo está vinculada às inovações tecnológicas financiadas pelo capitalismo. Ressaltando o perigoso marasmo do individualismo alienado, a respeitada filósofa – professora titular dos Departamentos de Filosofia da USP – Universidade de São Paulo e da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo – discute a produção de identidades que desconhecem o cívico e a perspectiva cidadã, e que resultam da aceleração capitalista. Ela identifica, nesse processo, a profunda arrogância que contaminou um sistema que culpabiliza o homem por ser a causa do que lhe acontece quando, na verdade, a sua fonte estaria enraizada na cultura do excesso e da ilimitação. Olgária Matos vê na “sociedade do

conhecimento”, fundada na comunicação e na informação, um "reino da aclamação" profundamente arrogante que ameaça o duvidar e o pensar, e o sentido da própria democracia.

Na seção “Estudos” a arrogância da qual fala Matos, de certa maneira, pode ser identificada em inúmeros setores da sociedade. Na área da saúde, por exemplo, a arrogância se apresenta como certezas relativamente aos saberes profissionais, se espelhando, entre outras coisas, em um processo de divisão e de estabelecimento de fronteiras disciplinares. Tal processo é discutido por professores Alexandre de O. Henz, Sidnei José Casetto e Angela A. Capozzolo, do campus da Baixada Santista da UNIFESP. Os pesquisadores articulam uma crítica, apoiada na experiências de implantação de uma nova proposta pedagógica universitária, integradora de práticas de saúde plurais. Esse projeto tem o objetivo de colocar em questão discursos que mediam a ideologia científica da biomedicina, que estruturou as profissões da área da saúde. Confrontando a maneira pela qual o discurso da biomedicina permeia o tecido social como ideologia, os autores mostram como essas novas práticas contra-hegemônicas, que chamam de “clínica comum” das singularidades, tornam-se um espaço de desafio à arrogância.

Os discursos hegemônicos arrogantes, na verdade, estão ancorados em representações sociais. A professora da Faculdade de Comunicação Isabelle Beaudin, da UQAM – Université du Québec à Montreal, explora um sujeito estreitamente vinculado ao da saúde – a ecologia – onde a problemática do discurso pode ser claramente desvelada através do estudo das representações sociais. O foco de trabalho da pesquisadora canadense é o desenvolvimento da idéia de “desenvolvimento sustentável” desde o seu lançamento em 1992 – resultado de um consenso internacional conhecido como “Relatório Brundtland” – e de como ele mediou a construção dos sentidos dessa noção ecológica, econômica e social junto a uma população jovem universitária. A pesquisadora, estudando como as representações sociais produzidas por jovens poderiam ser identificadas no discurso através do método das evocações, revela as identidades e as fricções existentes na maneira pela qual eles entendem hoje o “desenvolvimento sustentável” – reveladoras dos conflitos produzidos pela arrogância do sistema –, mostrando sua fluidez e pertinência. Além disso, a professora sugere que o “desenvolvimento sustentável” é um termo relativamente inexplorado que lança pontes de sentidos compartilhados que constituem-se em mediações que apontam pistas para futuras reflexões.

Sob um outro ângulo analítico discursivo, a professora Karla P. Bronsztein, faz uma viagem em um mundo pouco conhecido, mas de interesse fundamental para a cultura popular: a da mediação religiosa dos discursos na vida de uma comunidade. Nesse mundo, formas de arrogância mediadas de outra ordem emergem. O artigo convida a uma reflexão sobre as estratégias discursivas de uma “filial” da Igreja Universal do Reino de Deus, aberta em Londres, na Inglaterra. De maneira rigorosa e sistemática, a pesquisadora do Centro de Artes e Comunicação da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, esmiúça o funcionamento discursivo da igreja através de uma abordagem em que compara as práticas da matriz e da filial. Karla P. Bronsztein, através de uma análise argumentativa, viaja dialeticamente nos meandros do espelho midiático de uma religião que busca, como a ciência arrogante, obediência e adoração.

Na seção “Arena”, uma tese provocadora. A dialética revelada por Hegel, dentro de seu procedimento lógico-formal, foi, segundo o professor Tarso Mazzotti, instrumentalizada pelo esquema argumentativo da dissociação de noções. O pesquisador, a partir das dissociações das figuras do silogismo e das categorias trazidas à consciência humana por Aristóteles, busca defender a tese segundo a qual não haveria dialética do senhor e do escravo pois seus termos seriam correlativos e incompatíveis, mas não contraditórios. Essa interpretação ousada da retórica divina do Espírito Absoluto hegeliano por parte do pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UES – Universidade Estácio de Sá, tornaria a dialética hegeliana clara. A consequência comunicativa diz respeito à importância de que se revestem os processos argumentativos nas mediações, objeto de reflexão desse número especial.

Desejamos a todos que essas reflexões sobre as mediações proporcionem uma boa leitura!

